

VARIAÇÃO DE REGÊNCIA DOS VERBOS “ASSISTIR” E “IMPLICAR”: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Débora de Freitas Dias

Orientadora: Profa. Dra. Edila Vianna da Silva

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho aborda a variação de regência dos verbos “assistir” e “implicar”, escolha que reflete o desejo de que professores e alunos compreendam a realidade linguística como esta se apresenta: híbrida, mutável e heterogênea. Seguindo os preceitos de Labov (2008) e outros autores, esse estudo se fundamenta na Sociolinguística, corrente linguística para a qual a variação é inerente a todas as línguas naturais. Além disso, na interface com o ensino de Língua Portuguesa, a proposta se apoia nos fundamentos de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), que estabelece *contínuos* como forma de distribuição das variedades: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística, almejando a construção de um modelo que comporte o conjunto de variedades que compõem o mosaico linguístico brasileiro. Dentro desse panorama, a pesquisa objetiva o confronto entre Gramáticas Normativas e recentes Gramáticas de cunho majoritariamente descritivo, visando refletir sobre o comportamento variável das regências verbais e tornando viável o questionamento das diferentes acepções pregadas por cada um desses suportes, observando o tratamento estritamente gramatical no primeiro caso, e uma análise mais propriamente linguística, no segundo caso. Para exemplificar esse comportamento, serão exploradas *reportagens* e *crônicas* do jornal *O Globo*, contrapondo estilos mais e menos monitorados, respectivamente. Posteriormente, pretende-se ampliar o *corpus* com o jornal *Extra*, que se destina a uma classe menos prestigiada. Embora haja expectativa de que eles veiculem o uso da chamada língua padrão, pode-se perceber que a depender do público-alvo (o primeiro se destina a um público de mais prestígio, e o segundo a um público de menos prestígio), do estilo em que se encontra o texto, dentre outros fatores, verificam-se mudanças significativas na regência. Portanto, o trabalho visa contribuir para a implementação de um ensino mais democrático nas escolas, compreendendo que só assim, poderá ser feito um levantamento justo e que abarque a realidade linguística multifacetada constitutiva da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, regência verbal, variação e ensino.

Introdução

A proposta deste trabalho se baseia na corrente teórica denominada Sociolinguística, para a qual a variação é inerente a todas as línguas naturais. Se, hoje em dia, pode parecer ultrapassado propor uma reflexão sobre a questão variacionista, basta lembrar que o surgimento dessa corrente vem, justamente, combater a ausência do componente social, presente na linha gerativa.

A Sociolinguística considera a língua como reflexo da sociedade. Isso significa que se tem a heterogeneidade linguística como fato indiscutível, ou seja, a língua varia dentro de uma sociedade e ao longo do tempo, sendo uma unidade política e cultural. Segundo Cezário e Votre (2016, p. 141):

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO e VOTRE, 2016, p. 141).

Nesse sentido, esta reflexão se baseia na ideia de variação, que pode ocorrer tanto sincronicamente – coexistindo numa determinada época – quanto diacronicamente – referente àquela existente ao longo dos anos –. A concepção de que a heterogeneidade e, conseqüentemente, a mutabilidade são inerentes à língua, leva a crer que não se pode mais concebê-la como um sistema uno, fechado e imutável. Precisa-se, pelo contrário, admitir a existência de variantes, isto é, formas que concorrem na variação, tendo o mesmo significado. Isso porque, ao contrário do princípio da imanência, estudo pelo qual os fatos linguísticos são motivados pela própria estrutura linguística, a Sociolinguística visa explicá-los por razões históricas e sociais.

Dessa forma, o estudo que se apresenta tem como foco o comportamento variável das regências dos verbos “assistir” e “implicar”. Tal escolha reflete o desejo de que tanto alunos quanto professores compreendam a realidade linguística como esta se manifesta: mutável e heterogênea. Além disso, o estudo da regência, que envolve o

tratamento das preposições, apresenta pouco embasamento nas Gramáticas Tradicionais, necessitando de uma ampliação de seu escopo, sendo fundamental aliar ao estudo normativo uma perspectiva variacionista que contemple os usos linguísticos.

De modo mais explícito, têm-se os seguintes objetivos gerais e específicos:

Objetivos gerais

- Analisar o tratamento dado à questão da variação linguística, principalmente no que concerne à regência verbal.

Objetivos específicos

- Verificar o comportamento variável das regências dos verbos “assistir” e “implicar”, para estabelecer se há mais registros da forma preconizada pela gramática, ou da forma não padrão;
- Realizar uma análise contrastiva entre estudos de regência com base gramatical e estudos com base descritiva.

Tomando como base os objetivos acima, podem ser levantadas algumas reflexões:

- 1) Será que a escola, no que tange à formação de alunos conscientes da variação linguística, como pregado inclusive pelos Parâmetros Curriculares, tem dado espaço para a questão da variação?
- 2) Quais fatores extralinguísticos se destacam na predominância de uma ou outra variante?
- 3) A escolha dos gêneros textuais interfere na predominância de uma ou outra variante? Em caso afirmativo, quais gêneros são mais favoráveis ao domínio de cada regência específica?

As perguntas acima, norteadoras do projeto, são problematizadas ao longo da análise, procurando contribuir com os estudos sociolinguísticos e trazendo reflexões também para o contexto escolar. Assim, rompendo com a visão dicotômica do “certo” e “errado”, pode-se ter a chave de um ensino que se preocupe com a realidade linguística brasileira marcada, sobretudo, pela heterogeneidade e mutabilidade linguísticas.

A partir destas perguntas, condutoras do trabalho, apresentam-se as seguintes hipóteses:

- A variante 'assistir o (...)', na acepção de *ver*, *estar presente*, é mais frequente em

'crônicas', por se tratar de gênero mais informal.

- A variante 'implicar em (...)', no sentido de *acarretar*, *requerer*, não prescrito pela Gramática Tradicional, tem encontrado seu lugar de destaque inclusive em gêneros mais formais, como reportagens.

Portanto, buscando a formação de cidadãos conscientes da heterogeneidade inerente à língua, preza-se pela mobilidade linguística, isto é, a capacidade de o indivíduo transitar pelas diversas variedades, sabendo adequá-las aos diferentes propósitos comunicativos. O princípio da adequação é fundamental para o entendimento da Sociolinguística, pois só a partir dele será possível abarcar de forma democrática o fenômeno da variação.

Pressupostos Teórico-Methodológicos

Como citado anteriormente, a Sociolinguística surge para dar conta dos fenômenos externos à língua, uma vez que essa corrente compreende que a língua e a sociedade estão em constante interação. Assim, o funcionamento linguístico é marcado pela dinamicidade linguística, variando entre diferentes regiões (variação diatópica), entre diferentes estratos sociais (variação diastrática) e entre estilos (variação diafásica). No entanto, cabe destacar que a Sociolinguística afirma que tal dinamicidade é motivada, por pressões distintas que mantêm sua estabilidade. Com isso, a comunicação é estabelecida e os falantes se entendem perfeitamente. Segundo Mollica (2008):

Assim, as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. Note-se que isso só é possível porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. Prova-se como é equivocado o conceito estruturalista de variantes livres, ao ser demonstrado que a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa, porque é contextualizada com regularidade (MOLLICA, 2008, p. 12).

O ser humano tem a necessidade de categorizar as coisas do mundo, inclusive no que se refere aos aspectos linguísticos. Por isso, muitas vezes parece que se vive num 'caos linguístico', de difícil sistematização, principalmente no ensino de língua materna:

como explicar ao aluno, por exemplo, a existência de variantes, quando o ensino tradicional estipula o “certo” e o “errado”? No estudo da Sociolinguística é possível sistematizar o suposto *caos*, uma vez que a despeito da variação, toda variedade tem sua norma. Desse modo, ao contrário de uma única norma, há um conjunto de normas que se encontram no mosaico linguístico brasileiro. A própria 'norma culta' representa um conjunto de normas, e não uma única, como comumente se acredita. Carlos Alberto Faraco em sua obra *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*, afirma:

No plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades do outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea (Faraco, 2008, p. 31).

O conceito de norma é primordial para os estudos sociolinguísticos. Eugenio Coseriu, ao estipular o conceito de norma, contribuiu para a ruptura do modelo dicotômico estabelecido por Ferdinand de Saussure e a instauração de um novo modelo, tricotômico, composto por sistema, norma e fala. O objetivo de Coseriu era aliar sistema e fala, compreendendo que a heterogeneidade não se encontra apenas na fala, mas na língua como um todo, na medida em que a fala se realiza numa interação verbal, necessitando considerá-la também como aspecto social e não apenas individual. Assim, a norma é a responsável por fazer essa ligação, trazendo a heterogeneidade para dentro do sistema linguístico.

Além disso, como se sabe, os estudos sociolinguísticos vêm fornecendo subsídios importantes para área de ensino de Língua Portuguesa. Tendo isso em vista, a proposta se baseia ainda no modelo proposto por Bortoni-Ricardo (2004), linguista que estabelece contínuos como forma de distribuição das variedades: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade letramento e o da monitoração estilística. A existência de um contínuo reflete a necessidade da construção de um modelo de caráter fluido, não-dicotômico, responsável por comportar as diversas variedades que compõem a realidade linguística brasileira. Dessa forma, numa interface com o ensino de Língua Portuguesa

no Brasil, a presente proposta pretende trazer os referidos preceitos da Sociolinguística para a questão educacional do país, partindo de uma reflexão que se justifica pela necessidade de se construir um ensino mais justo, no qual não haja primazia de uma única variedade (geralmente a de prestígio), mas que se explore, nas salas de aula, a coexistência de variantes para que o aluno compreenda efetivamente sua realidade de forma múltipla e plural.

A educação no Brasil não encontra grande espaço para questões relacionadas à variação. O que permeia a realidade brasileira são as noções de “certo” e “errado”, nas quais se apresenta apenas uma variedade como “correta” e todas as outras como deturpações, corrupções ou desvios. Nesse sentido, é feito um julgamento de valor dessas variantes por critérios não propriamente linguísticos, mas sociais e políticos, visto que linguisticamente não há nada que faça uma forma linguística ser melhor ou pior que outra. Por isso, destaca-se a importância do termo ‘variante’, que elimina o teor discriminatório encontrado nas noções “certo” e “errado”. Atentando ao que se vem delineando, é urgente a necessidade de um ensino que abranja a diversidade linguística: o fenômeno da variação ocorre na fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, dentre outros níveis e precisa ser encarado como tal.

No que concerne propriamente à metodologia, a proposta consiste na análise contrastiva de Gramáticas Normativas, como as de Rocha Lima, Evanildo Bechara e Cunha e Cintra, com as de cunho predominantemente descritivo: como a Gramática Descritiva do Português, de Mário Perini e a Nova Gramática do Português Brasileiro de Ataliba de Castilho.

Com o objetivo de exemplificar o tratamento da variação na língua em uso, foi realizada a coleta de dados referentes às regências dos verbos “assistir” e “implicar”, tomando o jornal O Globo como *corpus* da pesquisa, jornal destinado a um público de classe média do Rio de Janeiro. Para isso, utilizou-se o gênero 'reportagem' (mais monitorado) para o verbo “implicar”, e o gênero 'crônica' (menos monitorado) para o verbo “assistir”. Tal escolha se deve ao fato de não ter sido encontrado o verbo “implicar” em crônicas, o que provavelmente ocorre por ser um verbo de caráter mais formal. Partindo do pressuposto de que diferentes contextos de uso influenciam o material estritamente linguístico, acredita-se que os diferentes alvos aos quais os jornais se

destinam contribuem para a compreensão do funcionamento da variação das regências dos verbos escolhidos para análise.

Os verbos “assistir” e “implicar” nas Gramáticas Normativas

As Gramáticas Normativas se caracterizam pela estipulação de normas e pela prescrição de regras. Assim, seu objetivo reside na uniformização de saberes, padronizando conceitos. Na análise de algumas das principais Gramáticas Tradicionais, observou-se, de maneira geral, que o cunho normativo se caracteriza pela afirmação categórica, muitas vezes, não dando margens a outras possíveis variantes. Além disso, verificou-se uma lista extensa de acepções dos verbos e suas respectivas regências. O objetivo principal reside na memorização de um quadro de preposições, impedindo que se exponham os casos variáveis de regência. Outro fator relevante constatado se encontra na relação de exemplos bastante semelhantes e retirados de textos literários. A título de exemplificação, segue uma análise da Gramática Normativa de Rocha Lima. O autor se destaca, dentre outros, por um tratamento mais adequado à variação.

Gramática Normativa de Rocha Lima

A Gramática Normativa de Rocha Lima não traz propriamente uma definição de regência. O que se constata é um capítulo denominado “Regência de alguns verbos”, compêndio que reúne uma lista de verbos e suas respectivas regências. Diferentemente de outros autores tradicionais, ele somente apresenta os sentidos de um determinado verbo e exemplos literários para cada acepção. Rocha Lima (2001, p. 433) traz a seguinte reflexão sobre a regência dos verbos em análise, quais sejam, “implicar” (1) e “assistir” (2):

(1) Distinguem-se as seguintes significações:

- a) Ter implicância com, mostrar má disposição para com alguém. Neste caso, constrói-se com a preposição ‘com’: “*Implicar* com os empregados”.
- b) Comprometer-se, enredar-se, envolver-se em situações embaraçosas. É acompanhado de pronome reflexivo e de complemento introduzido pela preposição em: “*Implicar-se* em negociações árduas, em empresas difíceis.” (CONSTANCIO)
- c) Trazer como consequência, acarretar. É transitivo direto. Está ganhando foros de cidade

na língua culta a sintaxe implicar em: Tal procedimento *implica* desdouro (ou: em desdouro) para você.

Nota-se que, mesmo se tratando de uma Gramática Normativa, há o reconhecimento por meio desta, de possíveis variações. No que tange à regência do verbo “assistir”, verifica-se uma lista extensa de acepções do verbo, contendo nos exemplos as regências adotadas em cada caso. Possui este verbo várias acepções, algumas das quais já caídas em desuso. São vivas na língua as seguintes construções:

a) Sentido de estar presente a, ser espectador de, presenciar.

“Infelizmente os meus olhos não gozaram a bem-aventurança de *assistir* a esse capítulo vivo do nosso evangelho” (RUI BARBOSA).

b) Sentido de competir, caber (direito, ou razão, a alguém):

“(...) o direito que *assiste* ao autor de ligar o nome a todos os seus intelectuais” (RUI BARBOSA).

c) Sentido de servir de ajudante a alguém, acompanhá-lo, assessorá-lo:

“Fazer competência de quem mais há de *assistir* o príncipe” (VIEIRA).

d) Sentido de prestar socorro a um doente, agonizante ou desvalido, tratando-o, ou confortando-o moralmente:

Usa-se indistintamente com objeto direto (assistir um doente), ou acompanhando complemento precedido de a (assistir a um doente). “Deus bom, que *assiste* os coitados” (CYRO DOS ANJOS).

e) Sentido de ajudar, proteger alguém:

“Nas justas intenções o *assiste* Jove” (Odorico Mendes). Alguns autores contemporâneos se têm servido da construção assistir em (=morar), tão querida dos clássicos: “Nem de outro modo se compreende que permitisse *assistissem* no arraial indivíduos cuja índole se contrapunha à sua plasticidade” (EUCLIDES DA CUNHA).

Os verbos “assistir” e “implicar” em estudos descritivos

Após esclarecer alguns pontos fundamentais no tratamento dado pelas Gramáticas Normativas, segue-se, como indicado na metodologia, a análise dos materiais de cunho majoritariamente descritivo. Cabe destacar que as Gramáticas pesquisadas,

como a Gramática Descritiva do Português, de Mário A. Perini e a Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba de Castilho, não deram uma caracterização específica dos verbos que são objetos de estudo dessa pesquisa. Dessa forma, é analisado o tratamento conferido à regência verbal contido nesses suportes.

Gramática Descritiva do Português

Segundo Perini (2005, p. 45), o fenômeno da regência “se manifesta principalmente sob três formas: concordância (verbal ou nominal), transitividade e ocorrência de pronomes oblíquos” (PERINI, 2005, p. 45). O autor caracteriza a regência, grosso modo, como a relação entre termo regente e termo regido.

Diferentemente da maioria dos materiais normativos, a obra de Perini não lista os verbos e suas respectivas regências, tampouco estabelece quadros para memorização. O seu viés, descritivo, propõe a revisitação do material normativo, propondo alternativas para um ensino mais crítico e reflexivo. Desse modo, tem-se uma rica problematização de possíveis lacunas das Gramáticas Tradicionais, visando a um estudo mais aprofundado e com forte embasamento teórico a respeito da temática da Regência Verbal. Combatendo a visão tradicional, que julga ser predominantemente semântica, Perini deixa claro que sua proposta é sintática, na medida em que julga ser difícil prever a transitividade de um verbo a partir de sua semântica. No entanto, esclarece a inter-relação entre semântica e sintaxe, ambas fundamentais para o fenômeno da transitividade.

Gramática do Português Brasileiro

Ataliba de Castilho, em sua obra *Gramática do Português Brasileiro*, faz um estudo das preposições com foco em sua trajetória de mudança, num processo denominado gramaticalização. Ao longo de seu estudo, o autor propõe uma divisão entre sintaxe e semântica, caracterizando cada eixo. Castilho enfatiza a importância de se analisar a semântica do verbo, que é o responsável pela seleção da preposição. O autor destaca ainda que os verbos “envolvem o deslocamento da FIGURA em direção a um PONTO DE REFERÊNCIA, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é sujeito que se desloca ao PONTO DE REFERÊNCIA) (ir, vir, chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se, etc.) (CASTILHO,

“reverter”, “resultar”, “importar”. Aparentemente um brasileirismo. Plenamente consagrado, admitido até pela gramática normativa: “Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe implicar em: “Tal procedimento implica desdouro (ou em desdouro) para você.” TI: implicar com alguém. Mostrar antipatia, aborrecer, importunar, enticar (Luft, 1998).

A afirmação de Luft destaca a variação de regência do verbo “implicar”. Além disso, o autor esclarece como ocorre o processo de variação, resultado da influência de verbos sinônimos, como “resultar”. As palavras do autor são fundamentais para que se compreenda o dinamismo linguístico: a coexistência das regências verbais explicitadas, representadas por diferentes transitividades, sem que, no entanto, haja alteração do significado. Tanto 'implicar algo' quanto 'implicar em algo' são aceitas numa comunidade linguística. Entretanto, o tratamento normativo silencia essa variabilidade inerente a qualquer língua natural. A noção dicotômica de “certo” e “errado” coíbe a compreensão e conseqüente reflexão sobre as variadas formas linguísticas.

O verbo assistir

O *Dicionário Prático de Regência* do Professor Celso Luft registra explicitamente o fenômeno da variação de regência verbal. Luft adota uma postura flexível ao acolher tanto as formas tradicionais, quanto as inovadoras. No caso do verbo “assistir”, o autor declara que, no sentido de *estar presente, presenciar*, o verbo possui, originalmente, transitividade indireta, isto é, ‘assistir a um jogo’, ‘a um filme’. Entretanto, o professor afirma que por pressão semântica com verbos sinônimos, como “ver, observar”, adquire também transitividade direta. Afirma ainda que, desde meados do século passado, já é corrente seu uso na escrita literária, problematizando sua condenação pelas Gramáticas Tradicionais. Assim, Luft acrescenta que isso não é um impedimento para o uso da forma tradicional, numa situação mais formal.

Nesse sentido, essa obra contém uma postura de equilíbrio. Celso Luft, ao descrever os fatos da língua, aponta seu dinamismo e fluidez, como se verifica pelo próprio teor lexical dos verbos na descrição das regências do verbo “assistir”. A escolha do verbo “aconselhar”, no seguinte trecho, ilustra o que foi dito: “Isso não impede que, para a linguagem culta formal, se **aconselhe** a regência originária” (LUFT, 1998).

Gramáticas Tradicionais x Gramáticas Descritivas

A análise dos suportes normativos e descritivos é de fundamental importância para que se tenha uma visão ampla do dado linguístico a ser estudado. Em relação ao foco dessa pesquisa – o comportamento variável da regência verbal –, notam-se abordagens distintas em cada material específico. Em relação ao tratamento normativo, não se percebe grande acolhimento ao fenômeno da variação, mas, sobretudo, a preocupação em ditar “regras”, tidas como exemplo do bom falar e escrever corretamente. Os poucos casos de menção à variação estão contidos em notas de rodapé, em segundo plano.

Por outro lado, nas Gramáticas de cunho majoritariamente descritivo, percebe-se maior incidência na preocupação em se registrar os fatos variáveis. Com o viés mais propriamente linguístico, o cunho é predominantemente reflexivo e crítico, visando dar ao leitor maior embasamento teórico, a fim de que ele compreenda o funcionamento da língua.

No entanto, tais visões não são incompatíveis, mas complementares. Como observou o professor Celso Luft, uma postura flexível parece ser a saída para a descrição dos fatos gramaticais. Dessa maneira, não se devem separar, de forma estanque, os materiais normativos dos descritivos: ambos precisam ser trabalhados conjuntamente, a fim de que se obtenha uma noção abrangente do fenômeno linguístico.

Análise de dados

A fim de ilustrar o que se tem delineado, são expostos alguns exemplos dos dados coletados no jornal O Globo, *corpus* de onde foi examinada a variação regencial dos verbos “assistir” e “implicar”. Cabe ressaltar que o trabalho é referente à pesquisa para dissertação de Mestrado, que se encontra em seu estágio inicial, com foco no método qualitativo. Assim, pretende-se, posteriormente, com o avanço do número de dados, ampliar para uma pesquisa de método misto, conjugando os métodos qualitativo e quantitativo.

Com o intuito de analisar, de modo geral, o funcionamento da variação regencial, utilizou-se, primeiramente, o mecanismo de busca do site do jornal, como forma de se obter uma análise preliminar. Para isso, foram selecionadas as trinta primeiras matérias

que continham os verbos analisados.

Em relação ao verbo “assistir”, utilizaram-se crônicas publicadas no jornal. Por sua vez, para o verbo “implicar”, foram utilizadas reportagens de vários Cadernos, como *Mundo*, *Economia*, dentre outros. Em relação ao recorte temporal, a análise é sincrônica. A pesquisa se baseia nos dados do período de julho/2017 até os dias atuais, aproximadamente, podendo ser modificado, caso necessário.

Exemplário:

A seguir, destacam-se os exemplos coletados do jornal O Globo.

- **Verbo Implicar:**

Como explicitado anteriormente, o verbo “implicar” possui várias acepções: *enredar*, *envolver-se*, *comprometer-se*, *dar a entender*, *fazer supor*; *trazer como consequência*; *implicar com alguém*, *mostrar antipatia*. Destacam-se os seguintes exemplos:

- (1) *A nova lei está em vigor desde o último sábado, dia 28, quando foi sancionada pelo prefeito de São Paulo, Bruno Covas. O texto ressalta ainda que a instalação de fraldário no interior dos banheiros não poderá **implicar alteração** do número mínimo de instalações sanitárias exigidas para esses ambientes.* Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/lei-obriga-shoppings-de-sao-paulo-instalarem-fraldarios-em-banheirosmasculinos-22945457>

O verbo “implicar” na acepção de trazer como consequência/acarretar, está com transitividade direta, conforme prescrito pela Gramática Tradicional.

- (2) *Os defensores de Manafort alegam que o caso não tem relação, e sua equipe jurídica já tentou fazer o caso ser derrubado, alegando que Mueller havia excedido sua autoridade. O juiz no caso da Virgínia, T.S. Ellis III, sugeriu em uma audiência preliminar que os promotores estavam simplesmente dando continuidade ao caso como uma forma de pressionar Manafort a fornecer evidências que pudessem **implicar Trump**.* Fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-ex-chefe-da-campanha-de-trump22932787>

Nesse trecho, o verbo apresenta a acepção de *envolver*. A transitividade direta

condiz com o prescrito nas Gramáticas Tradicionais.

- (3) *RIO – Em briga de família, é melhor não se meter. Mas Liam Gallagher convidou o mundo a voltar sua atenção aos seus problemas familiares acenando com uma tentativa de reconciliação com Noel nesta quinta-feira. Em uma mensagem no Twitter, ele sugeriu uma reunião do Oasis – não sem antes **implicar com o irmão** mais velho. Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/liam-gallagher-propoe-reuniao-do-oasis-noel-bebidas-por-minha-Conta22903968>*

No trecho destacado, encontra-se outra acepção do verbo “implicar”: a de importunar, enticar. Com essa acepção, não se encontra variação na regência.

- (4) *A tese de falsidade documental apresentada pela defesa de Lula não convenceu o relator do processo no TRF-4, desembargador João Pedro Gebran Neto. Na leitura de seu voto, o juiz não aceita a tese dos advogados de que a rasura no contrato de compra do triplex - a qual alteraria o número do apartamento - poderia **implicar em prova** inconsistente. Uma anotação a mão no documento é um dos indícios de que houve tentativa de alterar possíveis provas. Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/agora-no-brasil/post/na-leitura-do-voto-rasura-no-contrato-do-triplex.html>.*

O verbo “implicar” aparece com transitividade indireta, contrariando a Gramática Normativa. Esse uso tem se mostrado cada vez mais frequente, por influência, como visto anteriormente, de sinônimos como “resultar” e “reverter”.

- **Verbo Assistir:**

No caso do verbo “assistir”, na acepção de *ver com atenção/presenciar*, a Gramática Tradicional prescreve que o verbo deve ser transitivo indireto; no entanto, é comum sua forma como transitivo direto. Tem-se ainda a acepção de *residir – Assistir em* João Pessoa – e *assistir, na acepção de prestar socorro*, na qual a Gramática Normativa prescreve a transitividade direta. Nos exemplos recolhidos até agora, verificou-somente a acepção de *presenciar*.

- (1) *Mergulhei em uma busca virtual de manuais náuticos, lendo sobre coisas*

*que jamais havia entendido no colégio, tentando reconstruir uma trajetória que, até hoje, é um mistério para especialistas. Na quinta-feira, me fixei em uma tela de computador e não tirei os olhos até exaurir tudo que havia de factual até o momento. Assisti impassível **imagens** vindas da base naval de Mar del Plata onde familiares dos 44 tripulantes do ARA San Juan se desesperavam com a notícia da explosão na embarcação, uma informação que jogava muita água nas esperanças de encontrá-los vivos.* Fonte: <http://noblat.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2017/11/cartas-de-buenos-aires-submarino-afundajornalismo.html>

Nesse trecho, o verbo “assistir” apresenta transitividade direta, contrariando a Gramática Normativa.

- (2) *A visita noturna feita a luz de tochas custa 25 euros e é mais cara do que o tour normal (15 euros). Mas vale muito a pena. Nela é possível chegar mais cedo, **assistir ao pôr-do-sol** do telhado da base, ver as luzes de Berlim no horizonte acendendo. E depois ainda visitar o lugar a noite, no maior clima de filme de suspense.* Fonte: <http://noblat.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2017/10/cartas-de-berlim-uma-visita-noturna-ao-ponto-maisalto-e-sinistro-de-berlim.html>

Nesse trecho, verifica-se que a transitividade está conforme a Gramática Tradicional, mesmo se tratando de gênero menos monitorado.

- (3) *No último fim de semana um partido satírico soltou um comunicado dizendo que assumiu o controle de 31 grupos fechados do partido de extrema-direita AfD nas redes sociais. A mensagem veio por meio de um vídeo de um integrante/comediante do grupo que viralizou e já **foi assistido** mais de 1,2 milhão de vezes.* Fonte: <http://noblat.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2017/09/cartas-de-berlim-os-hackers-da-comedia-nas-eleicoesalemas.html>

Como foi observado pelo gramático Rocha Lima, o verbo “assistir” também aparece na voz passiva, o que o caracteriza como transitivo direto.

- (4) *Os turistas chineses vêm aos montes. A principal atração do país é o Masai Mara, um dos melhores lugares para ver a vida selvagem das savanas africanas. O parque nacional atrai gente de todo o mundo e a*

sensação ali é assistir ao vivo a um “show” que mais parece um episódio do National Geographic. É possível ver o lado mais selvagem da natureza. Predadores como leões, cheetahs, leopardos e hienas caçando e urubus se aproveitando dos restos deixados por eles. É o clichê africano com zebras, gazelas, gnus e, claro, elefantes e girafas (OI).

Um dos pontos altos do Masai Mara é assistir grandes grupos de zebras e gnus tentar cruzar o rio Mara. Isto pela grande concentração de crocodilos no local, o que faz a travessia altamente arriscada. Dezenas de vans e jipes buscam o melhor ângulo para os turistas, que ávidos querem ver o possível banho de sangue. Muitas vezes, o movimento dos turistas acaba inibindo a travessia (OD).

Fonte:<http://noblat.oglobo.globo.com/cronicas/noticia/2017/08/cartas-de-berlim-conexao-berlim-quenia.html>

Esse caso é bastante interessante, pois se observam duas regências numa mesma reportagem: na primeira o verbo aparece como transitivo indireto, e na segunda o verbo apresenta transitividade direta.

Resultados

A análise dos dados permitiu comprovar o que foi comentado ao longo do trabalho: há presença significativa da variação regencial nos dois verbos pesquisados. Como pode ser observado na Figura 1, tanto no caso do verbo “assistir”, quanto do verbo “implicar”, encontra-se a coexistência de variantes. Em relação ao primeiro verbo, com a acepção de *presenciar*, ele apresenta ora transitividade direta ora indireta. Inclusive, a maior produtividade se encontra na transitividade condenada pelas Gramáticas Tradicionais, isto é, na primeira, apresentando 21 ocorrências, contra 15 no segundo caso. Isso pode estar relacionado ao fato de se tratar de um gênero de estilo menos monitorado. Outro ponto relevante da análise realizada é que não se encontrou a acepção de *prestar socorro*, nem a de *residir* nos exemplos verificados até o presente momento.

O verbo “implicar” demonstra várias acepções como foi verificado anteriormente. A acepção de *implicar/resultar* exibiu o maior índice de variação, apresentando ora transitividade direta (12), ora indireta (8). Na amostra analisada, a predominância recaiu sobre a transitividade direta, o que pode ser explicado pelo fato de que é o prescrito pela

gramática normativa, sendo o uso transitivo indireto uma inovação da língua.

Outro ponto observado se refere à transitividade do verbo “implicar” na acepção de *ter implicância; importunar*. Pela Gramática Tradicional, prescreve-se a transitividade indireta, como em “implicar com alguém”; entretanto, em alguns dados, o verbo se mostrou como intransitivo. Um exemplo pode ser encontrado no seguinte trecho:

“Margot Robbie domina todos os aspectos da história muito bem. Sua presença preenche a tela e atrai as atenções. As cenas com Allison Janney são memoráveis, dignas de memes na internet para serem usados no Dia das Mães por filhos dispostos a implicar”.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/rioshow/critica-eu-tonya-22398402>.

Na acepção de *envolver, comprometer*, o verbo possui transitividade direta e indireta – implicou ‘alguém’ ‘em algo’ –. Nesse caso, a transitividade se manteve a mesma nos exemplos examinados.

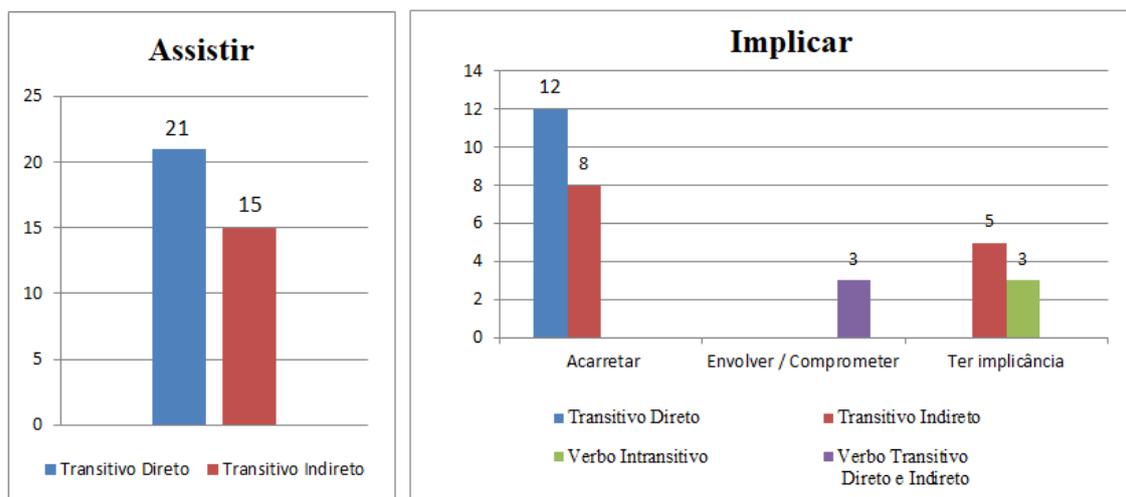


Figura 1 – Variação Regencial: verbos “assistir” e “implicar”

Considerações finais

A partir das análises realizadas, pode-se perceber mais claramente o funcionamento da Sociolinguística e suas principais características. Sua proposta reside no entendimento da língua em situação real de comunicação, com base na heterogeneidade e mutabilidade linguísticas. Como se observou no decorrer da análise, tal fato diverge de uma concepção normativa da língua, encontrada nas Gramáticas

Tradicionais e pautada nas noções de “certo” e “errado”. A Sociolinguística, num viés mais crítico, se assemelha ao tratamento observado nas Gramáticas Descritivas, nas quais há um intuito mais reflexivo sobre a língua. No entanto, tais acepções são compatíveis e devem ser trabalhadas conjuntamente, num intercâmbio proveitoso para que todos desfrutem do estudo da língua portuguesa e de qualquer outra que venha fazer parte de seu repertório linguístico.

Nesse sentido, verificou-se ao longo do artigo o tratamento variável das regências dos verbos “assistir” e “implicar”, visando demonstrar a dinamicidade da língua. Por meio dos dados apresentados, pode-se atestar a coexistência de formas linguísticas distintas, numa mesma acepção, que ocorrem tanto em estilos mais monitorados, quanto menos monitorados.

Portanto, busca-se contribuir para o entendimento da língua de forma consciente, desmistificando possíveis equívocos, como o fato de que uma forma linguística é melhor ou pior que outra. A diferença deve ser entendida como algo natural da língua, contribuindo para o enriquecimento dos falantes que a utilizam como meio de comunicação. Somente a partir de uma atitude justa e democrática perante a língua, é possível perceber sua manifestação na interação entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J.C. *Fundamentos de Gramática do Português*. 5 ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Conexto, 2016, p. 141-155

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA e BRAGA, Maria C. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERINI, Mario. A. *Gramática Descritiva do Português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

VIEIRA e BRANDÃO, Sílvia F. (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e usos*. São Paulo: Contexto, 2007.